

COLÓQUIO INTERNACIONAL SOBRE OS APOTEGMAS DOS PADRES DO DESERTO

De 30 de Setembro a 4 de Outubro de 1974 realizou-se, no mosteiro beneditino de Chevetogne, uma semana de estudos sobre os apotegmas, de acordo com uma longa tradição. Dom Lambert Beauvuin, o fundador do mosteiro, em 1925 em Amay-sur-Meuse, transferindo-o em 1939 para Chevetogne, na diocese de Namur, nas Ardenas belgas, além de ter sido um entusiasta da liturgia, foi também um pioneiro do movimento ecuménico. Por isso, quer o culto, quer a biblioteca, quer a actividade dos monges estão voltadas principalmente para as Igrejas Orientais, tanto Ortodoxas como ligadas a Roma, sem deixar de prestar atenção aos cristãos reformados de todas as denominações. Duas testemunhas significativas desta actividade são a revista *Irénikon* (desde 1926) e as Semanas de Estudos, iniciadas em 1942. Falecido Dom L. Beauvuin em 1960, os seus continuadores mantiveram as suas iniciativas.

O tema de 1973, de interesse para todas as denominações cristãs, foi *A confissão da fé e a ortodoxia*. Então se formulou o voto de que se dedicasse uma semana de estudos totalmente a uma forma de espiritualidade antiga, anterior à própria separação das Igrejas: os apotegmas dos padres do deserto. O trabalho de organização esteve principalmente a cargo do Prior, Dom Michel van Parijs, e do secretário, Dom Emmanuel Lanne, os quais convidaram conferencistas de renome para introduzir e orientar o colóquio, dividido em três centros de interesse: o estado actual da questão histórico-literária dos apotegmas; os grandes temas de espiritualidade contidos nos apotegmas; e a literatura dos apotegmas na actualidade, especialmente a sua mensagem de vida evangélica, paternidade espiritual e culto da simplicidade na oração.

Chegados e apresentados os participantes durante o dia 30 de Setembro, foi a 1 de Outubro que se iniciaram os trabalhos. Da sessão inicial, onde fez uma saudação o Prior de Chevetogne e o Secretário deu uma perspectiva do Colóquio no contexto das Semanas anteriores, retemos um pensamento do presidente da mesa, Dom Basílios Krivoshein, russo de origem, depois monge em Áthos e actualmente arcebispo ortodoxo de Bruxelas para as comunidades da Bélgica, Holanda e França: em nossos dias ganhou terreno o ecumenismo no espaço, pois reunimo-nos já cristãos de diversas regiões; importa também fazer ecumenismo no tempo, estudando os pontos de união de todas as Igrejas cristãs ao longo dos séculos e sobretudo a história das comunidades anteriores à divisão do Oriente e Ocidente.

A lição da manhã coube ao Rev. P. Jean-Claude Guy, director da *Revue d'Histoire de la Spiritualité* (de Paris) e professor do Instituto *Lumen Vitae* (de Bruxelas). O tema que escolheu — *Alguns problemas históricos e hermenêuticos postos pelos apotemas* — estava-lhe naturalmente sugerido pelo facto

de ser, segundo supomos, o melhor conhecedor dos manuscritos gregos que nos transmitem as diferentes colecções de apotegmas. À sua consciência crítica põem-se vários problemas: Irei editar proximamente um texto grego; mas qual preferir? Qual o estádio de evolução de um apotegma a publicar? Deverá remontar-se ao que parece ser a versão original? Deixaremos perder outras fases de alteração, até chegar à definitiva, forma típica dos *exempla*? Após a análise de alguns apotegmas em concreto, procurou responder à pergunta: Como ler hoje a literatura apotegmática? Depois de um excuro histórico baseado no estudo recente de C. M. Batlle, acrescentou observações sobre a presença dos apotegmas em Santo Inácio de Loiola e no P. Simão Rodrigues. Considerou inelutável a alteração do apotegma desde que perdeu o aspecto de relação pessoal entre mestre e discípulo, até se transformar em autêntico género literário. Hoje, concluiu, devremos refazer as etapas ao contrário, na refundição das colecções. Importa voltar ao contacto pessoal com o mestre. O homem de hoje tem também desejo de encontrar a salvação. Os apotegmas, com os seus ditos e feitos, põem-nos em contacto com uma vivência existencial do cristianismo.

A parte da tarde foi ocupada com a exposição do doutor Antoine Gillaumont, professor da *École Pratique des Hautes Études* (de Paris) sobre: *Método para abordar o estudo dos apotegmas: o problema dos dois Macários*. Começou por enumerar as diversas personagens que nas *Vitae Patrum* aparecem com o nome de Macário. Fixou-se no estudo da personalidade dos dois Macários mais famosos: o egípcio e o alexandrino. Mostrou que a série nominal dos apotegmas não é segura para caracterizar uma «pessoa», dado que sob o mesmo nome podem estar misturadas individualidades historicamente diferentes. Assim, para o conhecimento exacto e distinto dos dois Macários entende ser necessário recorrer à versão grega original da *Historia Monachorum in Aegypto* (editada por A. J. Festugière), à tradução latina (que é uma refundição) de Rufino, à *História Lausíaca* de Paládio, à *História Eclesiástica* de Sozómeno, aos documentos coptas e ainda aos escritos de Evágrio. Com efeito, Evágrio (de que o Prof. Guillaumont é hoje um dos maiores especialistas) tanto no *Prático* como no *Anti-rético* se refere a um e outro Macário, por ele conhecidos pessoalmente.

À noite foram discutidos outros temas a completar o objectivo deste primeiro dia, que era o de dar um «status quaestionis» sobre os apotegmas e a edição das suas diferentes versões. Neste sentido devem ser valorizadas as intervenções do Rev. doutor José Geraldês Freire, professor da Faculdade de Letras de Coimbra, que tratou das *Versões latinas dos apotegmas, em especial a de Pascásio de Dume e a das «Commonitiones Sanctorum Patrum»*; e do drs. Wilhelm Veder, assistente da Universidade de Utreque, que referiu a *Colecção eslava sistemática*, cuja publicação prepara. É pena que não tenham estado presentes o Rev. P.^e Michel van Esbroeck que poderia falar sobre *Colecções em geórgio e etíope* e ainda Mons. J. M. Sauget, bem conhecido pelos seus trabalhos sobre *Versões árabes dos apotegmas*.

O segundo dia foi dedicado aos grandes temas de espiritualidade contidos nos apotegmas. Assim, na manhã do dia 2 de Outubro, Dom Louis Leloir, beneditino da abadia de Clervaux (Luxemburgo) e professor em Lovaina, tratou de *Os Patericá arménios e a sua mensagem de autenticidade*. Partindo da

edição arménia de 1855 e da sua tradução latina começada a editar pelo conferencista em 1974, analisou agora, na sequência de estudos anteriores acabados de publicar em revistas de especialidade, a autenticidade da vida cristã exigida para o monge. Cada ponto abordado foi ilustrado com vários apotegmas, o que deu à exposição profundidade e leveza. Mostrou que a consulta da Escritura foi sempre a norma de autenticidade, procurando o monge fundar-se na verdade. Por isso cultivava a humildade, julgando-se pessoalmente menos perfeito que o leigo, donde ressaltava por vezes o mérito da vida matrimonial. A sua virtude fazia-o considerar-se até inferior aos pecadores públicos, pois mesmo nestes há zonas onde a graça de Deus trabalha sempre, pelo que muitas vezes dão a todos exemplos dignos de serem imitados. Nasce daí uma hierarquia de virtudes, prezando-se por vezes mais a hospitalidade, a temperança e a guarda do coração, por exemplo, do que práticas típicas monacais, como são o jejum ou a mortificação corporal. Assinalou ainda que embora houvesse monges que recebiam graças extraordinárias, eles não as desejavam nem as sobrevalorizavam, mas antes guardavam certa reserva em relação a visões e milagres.

Das intervenções a propósito deste tema salientamos a de A. Guillaumont que realçou o mesmo desejo de autenticidade e simplicidade na *Vita Pelagiae* (peça hagiográfica actualmente em minucioso estudo na École Normale Supérieure (45, Rue d'Ulm, Paris) — acrescentamos nós) e a do Rev. R. Poelman, professor do Instituto *Lumen Vitae* (de Bruxelas), o qual pôs em relevo a presença de Cristo na Eucaristia e o sentido escatológico revelado pelos apotegmas.

Ao meio dia, Dom Martin Neyt, do mosteiro de Clerlande (Ottignies-Bélgica) estudou o tema: *Paternidade espiritual e autoridade carismática: os Padres de Gaza e a tradição de Scétis*. O interesse provém do facto de os *scetiotas* serem formados na tradição anacorética da autoridade carismática do pai espiritual sobre o discípulo; em contrapartida, com a instituição do cenobitismo pacomiano é já o peso da regra que nimba a autoridade do director espiritual. Examinando o cenóbio de Gaza, onde Doroteu foi discípulo de João e de Barsanufio (e onde depois Sérios continua a tradição do seu mestre Barsanufio), verifica-se, pela correspondência dos mestres espirituais destinada aos seus discípulos, que na Ásia Menor se pretendeu seguir uma via média entre o livre carisma do pai espiritual e a autoridade institucional do abade. A conferência foi abundantemente documentada com citações de cartas de João e Barsanufio.

No colóquio, Mons. Basílios acentuou o papel que na formação do noviço tem a pessoa de Cristo e documentou-se com a vida de Isiteu. J. G. Freire procurou que fosse especificada a natureza do pacto existente entre Doroteu e Barsanufio, a que faz referência a carta 252, e tentou uma aproximação com o «Pacto de S. Frutuoso», instituição original do monaquismo do Ocidente Ibérico. D. Inocenzo Gargano, camaldulense italiano, quis esclarecer a posição de Doroteu em relação ao «pai espiritual», em especial se ele tinha *simultaneamente* dois directores espirituais — tendo sido aceite a interpretação de uma sucessão no tempo.

De tarde, proferiu a sua lição um dos maiores conhecedores do texto de todas as colecções de apotegmas, o abade do mosteiro de S. Pedro de Solesmes (França), Dom Lucien Regnault. Tratando de *A oração contínua*

«monológistos», começou por analisar as fontes literárias, que só começam em Marcos Eremita (séc. v) e se multiplicam a partir de S. João Clímaco (séc. vii). Passando a apreciar a oração nos Padres do Deserto, notou a sua aversão pela *polylogía* e recolheu o testemunho de Cassiano, Diádoco e Nilo. Examinando os apotegmas, verificou que num conjunto de mais de 2 000, apenas uns 20 nos transmitem orações formuladas pelos Padres. Observou tratar-se de fórmulas simples, mas de intenção diversificada. Em rigor, disse, não há nos apotegmas exemplos de «oração contínua» e de oração «monológistos» (de uma só palavra). Notou que há antes tendência para a prece breve com três membros. Finalmente referiu-se à «oração de Jesus», significando a simples menção do nome de «Jesus», como oração condensada e repetida, estudando o problema desde os Padres Apostólicos.

Esta exposição foi objecto de várias intervenções, entre as quais distinguimos a de Mons. Basílios que disse não se poder minimizar o valor da oração nos apotegmas; a do P.^e Gargano que lembrou ser a contemplação também uma forma de oração; a de J. G. Freire que provou estar a «oração contínua» bem documentada na colectânea traduzida por Pascásio de Dume, pois a este tema são dedicados os seus capítulos 58 a 69; e a de M. van Parijs a propósito do lugar que os apotegmas sobre a oração ocupam nas colectâneas, notando que a série nominal começa exactamente com um exemplo de oração de Antão. Sobre a oração nos apotegmas de Evágrio pronunciaram-se também os PP. Placide Deseille e Luc, cistercienses.

O último dia de estudos, 3 de Outubro, dedicava-se, na intenção dos organizadores, à actualidade dos Padres do Deserto, através da leitura e exemplo dos apotegmas. Neste sentido se orientou a conferência de Dom Michel van Parijs, prior de Chevetogne, que tratou de *Solidão hesicasta e comunhão fraterna*. O seu ponto de partida foi a verificação de que hoje, na Igreja, se procuram revitalizar as comunidades e formas de vida comunitária. À primeira vista, parece que o ideal dos Padres do Deserto era a solidão, a tranquilidade interior. Esta, porém, não era alheia à comunicação com os outros. O apotegma 1 de Anub mostra-nos a vida de uma comunidade de 7 irmãos. O seu ideal era a insensibilidade perante o louvor e as ofensas. Foram feitas abundantes citações sobre «viver como se estivesse morto ou no túmulo», indiferente às solicitações exteriores mesmo de familiares íntimos. Todavia, o que mais importa, não é «fechar a porta de madeira da cela», mas a da língua; conseguir o silêncio e tranquilidade do coração. É apresentado o exemplo de Maria junto à cruz de Cristo; insiste-se na renúncia a julgar os outros, em fazer as pazes com todos; não negar a palavra de edificação aos discípulos, aos leigos ou aos heréticos, nem a esmola aos pobres. Acentuou que a penitência não era entendida pelos Padres como objectivo supremo. A par de longas mortificações, vemos casos em que a graça divina é recuperada após poucos dias ou até instantaneamente. Isto marca um afastamento, de bom senso, contra o excessivo rigor de certos grupos da Igreja primitiva. Do mesmo modo, a Eucaristia, é apresentada como fonte de luta contra os pecados e de comunhão entre os irmãos, ligados a Cristo. Não há uma orientação espiritual única nos Padres do Deserto. A diversidade pessoal é mantida e cultivada. A nova leitura dos apotegmas leva-nos hoje a um aprofunda-

mento da pessoa nas suas relações com Deus e com os irmãos. O supremo ideal é Cristo, morto e ressuscitado.

Esta exposição tão rica de sugestões foi objecto de diversos esclarecimentos. J. G. Freire notou que, apesar de tudo, o lugar dado à Eucaristia é escasso; a penitência é apresentada como virtude, mas não se divisam traços do seu aspecto como «sacramento»; as referências à Virgem Maria surpreendem pela raridade; e a propósito da insensibilidade do monge citou um apotegma latino até há pouco inédito e sem paralelo conhecido, das *Commonitiones Sanctorum Patrum* IV, 19. A. Guillaumont, citando Arsénio, insistiu em que a «fuga dos homens» não significava afastamento ou falta de amor pelos problemas humanos; só o modo de manifestar esse amor era diferente do actual. E. Bargelini, camaldulo italiano, reforçou a actualidade do tema do discernimento, o qual se aperfeiçoa como o crescimento contínuo na fé.

Curiosa foi a ocupação de toda esta tarde com o estudo dos apotegmas, por grupos de trabalho. Os conferencistas A. Guillaumont, L. Regnault, J. C. Guy e Van Parijs seleccionaram um certo número de apotegmas mais significativos que, uma vez divididos em séries, foram objecto de apreciação por cada um dos grupos. Verificou-se assim como os relatos espirituais são ricos de elementos de actualidade e se prestam a reflexões pessoais muito enriquecedoras. Ser-nos-ia difícil apontar os temas abordados em cada grupo e os comentários a que eles se prestaram no plenário de discussão colectiva. Não queremos, no entanto, deixar de realçar a acção desenvolvida no grupo em que nos integrámos, pelo Prof. A. Guillaumont, que mostrou a sua maravilhosa capacidade de orientar a investigação e uma variada cultura sobre as diversas colecções de apotegmas e o mundo cultural do Médio Oriente.

A encerrar as lições destes Dias de Estudo ouvimos na noite de 3 de Outubro o Professor jubilado da Faculdade de Teologia de Bucareste (Roménia), Rev. D. Staniloae, que versou o tema: *O acolhimento da tradição espiritual dos Padres na actualidade*. Começou por precisar o conceito que na Igreja Ortodoxa tem o termo «tradição»: significa ensino, literatura, liturgia, oração, exemplos, vida concreta. Neste sentido espiritual os monges contribuíram activamente para a transmissão da tradição, pois eles sempre tiveram grande contacto e influxo entre o povo. Sendo assim, os apotegmas representam ao vivo uma fase da tradição espiritual. Pode dizer-se que em todos os países ortodoxos houve monges hesicastas. O seu ensino transmitiu-se na língua das diversas regiões. O prof. Staniloae consagrou boa parte da sua vida científica à edição dos diversos volumes da *Filodália romena*, que espera terminar dentro de alguns anos. De acordo com o conceito ortodoxo de tradição, defendeu que não temos que rever ou modernizar a «tradição». A vida cristã continua a ser palavra e exemplo, abarca o homem em todas as circunstâncias. As ideologias passam na superfície do cérebro; a vida cristã é existencial e profunda. A união com Deus não necessita de autoridades ou de teólogos; todos podem alcançá-la directamente. Por isso ninguém tem o direito de reduzir a tradição, impedindo as legítimas aspirações dos crentes. Devemos deixar a Igreja aberta a todas as oportunidades. O homem contemporâneo também compreende a Cristo. Sem fé a cultura não tem sentido; e só a fé numa transcendência pessoal nos abre as portas para a plenitude da vida. As igrejas locais

e paroquiais devem tornar-se, cada vez mais, comunidades vivas. A Igreja crê ter a resposta de que precisa o homem de hoje.

Embora tenham surgido algumas perguntas ao P.^e Staniloae, o que mais transparecia era a sua profunda convicção de que a Igreja continua viva e actual. Este testemunho é tanto mais de apreciar quanto vem de um ortodoxo muito culto que vive para lá da «cortina de ferro». As suas últimas palavras foram precisamente para realçar que a santidade é ainda hoje um facto, comprovado através de figuras bem conhecidas e talvez até na nossa convivência.

No dia 4, Dom Emmanuel Lanne resumiu a orientação de todo o Colóquio e formulou as conclusões. Intencionalmente demos a substância de cada lição e das contribuições trazidas pelos participantes para se fazer ideia dos temas tratados e da orientação dada hoje à literatura de apotegmas.

Não queremos terminar sem breves impressões do convívio proporcionado por estes dias em Chevetogne. Nunca sentimos tão vivamente, em simultâneo, o aspecto internacional e ecuménico. Além de belgas, holandeses, franceses, suíços, ingleses, italianos e ingleses de diversas ordens religiosas — beneditinos, cistercienses, trapistas, camaldulenses, dominicanos, jesuítas e padres diocesanos, havia ortodoxos e protestantes de diversas proveniências, bem como representantes das Igrejas do Oriente unidas a Roma. De assinalar também a presença de duas religiosas anglicanas de Oxford. Igualmente assistiram alguns leigos, entre os quais o novo professor de Literaturas Cristãs da Universidade de Nimega (Holanda), doutor G. Bartelink. O sentido ecuménico era dado na «Liturgia das Horas» em comum, ora na igreja latina ora na oriental do mosteiro, e através da pregação, cada dia orientada, depois de «Laudes», por um membro diferente das diversas confissões presentes.

Em troca de impressões com elementos de alguns conventos católicos da Europa Central, e sobretudo da França e Bélgica, verificámos, com agrado, a sua convicção de que a «crise» de vocações surgida por ocasião do Concílio está a superar-se. O segredo da renovação não esteve em ir sistematicamente contra a tradição. A juventude que procura os mosteiros busca sobretudo a autenticidade de vida cristã consagrada à oração e ao trabalho. A vida comunitária, a regra e o espírito do fundador são ajudas e orientação a integrar no sopro mais profundo do Espírito.

Bem me perguntaram pela vida monástica em Portugal. Houve quem ainda me falasse de Alcobaça, como se o mosteiro estivesse povoado... Não me ocorreu citar-lhes senão os beneditinos de Singeverga e a Cartuxa de Évora. Confessemos que é demasiado pouco para um país com tanta fama de católico e missionário. Que Deus nos ajude!

P. JOSÉ GERALDES FREIRE